



# O REI QUE NÃO SABIA DE NADA

Ruth Rocha

Ilustrações Carlos Brito



## PROJETO DE LEITURA

Elaboração

Mariza de Lima Junqueira

Coordenação

Maria José Nóbrega



SALAMANDRA



## UM POUCO SOBRE A AUTORA

Ruth Rocha nasceu em São Paulo, capital, onde sempre viveu. É graduada em Sociologia e Política pela Universidade de São Paulo, e pós-graduada em Orientação Educacional, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Antes de ter revelado seu incomparável talento como escritora de livros infantis, nesses quase 50 anos de literatura, foi orientadora educacional e editora.

É uma das mais premiadas autoras da literatura infantil brasileira. Tem hoje mais de cem livros publicados no Brasil e vinte no exterior, em dezenove diferentes idiomas.

Desde 2009, Ruth é autora exclusiva da Salamandra.

## RESENHA

Será possível um rei, maior representante de um povo, principal ícone da nobreza de todo o reino, não saber de nada? Pois é isso que vamos descobrir nesta provocadora história de Ruth Rocha.

Para começar, somos levados a um reino muito, muito distante, cujo rei também era muito, muito distante... Não, espera aí, é bom explicar melhor. O rei, na verdade, deixava seu governo e todas as suas decisões a cargo de seus ministros e secretários, que não eram lá muito confiáveis.

Só para ter uma ideia, um belo dia, apareceram por lá uns cientistas apresentando uma máquina milagrosa, capaz de fazer tudo, e os ministros convenceram o rei a colocar a máquina para funcionar. Assim, em vez de eles trabalharem, era a máquina que tomava conta de tudo: de plantar, de cuidar do trânsito, de fazer funcionar a escola, o hospital etc. Mas de repente a máquina apresentou um defeito, provocando uma bagunça espantosa nas fábricas, plantações, ruas e o reino virou de pernas para o ar. E o rei? O rei até aquela altura não sabia de nada...

Para que continuasse sem saber, os ministros decidiram armar o maior teatro para esconder a sujeira: mandaram

construir painéis cenográficos, que pintaram o reino como se estivesse tudo às mil maravilhas. Havia painéis retratando plantações verdinhas, casas bonitas, rios lindíssimos. Mas, por trás do cenário, os habitantes mal vestidos, sujos e até com fome, tinham de ficar segurando tudo, para que o rei, quando passasse, acreditasse que não havia problemas.

Como a mentira tem perna curta, certo dia, um pequeno acidente causou um rasgo em um dos painéis e, assim, o reino escondido por trás do cenário maravilhoso se mostrou inteiro ao rei. Horrorizado com tamanho desastre, ele tratou de fugir correndo dali, deixando pelo caminho sua coroa e seus nobres adornos. Bem longe, no campo, conheceu uma família modesta e muito franca, que o levou a olhar para si e para seu governo de maneira inequívoca.

A clareza com que a trama nos apresenta os alienados representantes desse reino e suas atitudes pateticamente esquivas, leva-nos imediatamente a refletir sobre nossos próprios governantes. Será que estamos atentos e preparados para deflagrar o teatro no qual muitas vezes tentam nos enredar?

Carlos Brito enriquece muito o paralelo da fábula com a realidade, misturando elementos contemporâneos às ilustrações de figuras palacianas. Por meio de uma narrativa solta e

divertida, *O rei que não sabia de nada* é uma ótima oportunidade de estímulo ao jovem leitor, que certamente passará a acompanhar de forma mais aguçada a postura daqueles que o representam.

## QUADRO-SÍNTESE

Gênero: conto infantil.

Palavras-chave: injustiça, autoritarismo, crítica social.

Áreas envolvidas: Língua Portuguesa, Artes, História.

Tema transversal: Ética.

Público-alvo: leitor em processo (2º e 3º anos do Ensino Fundamental).

## SEQUÊNCIA DE ATIVIDADES

### Antes da leitura

1. Escreva o título do livro na lousa e pergunte aos alunos o que a expressão *O rei que não sabia de nada* sugere. Será possível um rei ser tão ingênuo a ponto de realmente não saber de nada? Ou será que a expressão carrega em si um pouco de ironia, denotando talvez uma conveniência do rei em se manter alheio à realidade?
2. Converse com os alunos de maneira descontraída perguntando se conhecem pessoas que têm o hábito de fingir “não saber de nada”. É possível que surjam exemplos dentro da própria turma e de seus círculos sociais, ou então exemplos retirados de noticiários. Deixe os alunos livres para explorar o tema e expressar seus pontos de vista, mediando quando necessário.
3. Leia a quarta capa do livro junto à turma e colha suas primeiras expectativas em relação à obra. Logo no início aparecem duas palavras significativas: democracia e liberdade. Converse com os alunos sobre essas expressões e o que compreendem a respeito do significado de cada uma delas.

### Durante a leitura

1. Duas ilustrações se destacam por marcar o início e o final da narrativa: a imagem de um livro que se abre,

com um clássico *Era uma vez...* (páginas 6 e 7) e a imagem do verso de um livro fechado (páginas 44 e 45). Chame a atenção dos alunos para esse “livro dentro do livro”. De que maneira esse recurso alimenta a imaginação do leitor? Ele contribui para dar um tom mais fabular à narrativa?

2. As elaboradas ilustrações de Carlos Brito brincam com a imaginação do leitor ao misturarem elementos da realeza tradicional com elementos da atualidade, tais como um farol de semáforo ou um rádio. Peça para os alunos identificarem essas intersecções de mundos, espalhadas com bastante frequência, porém muito discretamente ao longo do livro. O desafio é encontrar o maior número de elementos contemporâneos entre a ambientação medieval.
3. Chame atenção para o tom coloquial com que Ruth Rocha narra essa história. Expressões como *Sei lá, acho que...* ou *Aí, eles...* tornam a narrativa bastante fluente, como se estivesse sendo contada, ao vivo, por uma pessoa próxima. Peça para os alunos escolherem alguns trechos para lerem em voz alta, brincando com a entonação e desenvolvendo, por fim, uma relação mais lúdica com a obra.

### Depois da leitura

1. Converse com os alunos sobre suas primeiras sensações após a leitura. O que foi marcante para eles na história? Faça uma primeira rodada de comentários espontâneos em que todos possam compartilhar suas opiniões.
2. Um dado que chama a atenção na trama é o sistema de divisão de poderes do reino. Entre tantos ministros e assistentes, fica difícil entender quem é responsável pelo quê. O sistema de governo nacional também sofre desse excesso de funções e cargos políticos. Mas como funciona realmente esse sistema? Proponha uma pesquisa em grupo sobre o tema, com o objetivo de identificar e compreender as relações de poder que sustentam o governo. Depois da pesquisa, organize um seminário em que cada grupo exponha, à sua maneira, as informações reunidas.

3. Para disfarçar os problemas do reino, os ministros criam uma encenação da prosperidade, com direito a cenários pintados e atores maquiados. Aproveitando esse clima teatral, proponha uma atividade com a turma. Divida os alunos em grupos e peça para cada um escolher um trecho do livro para apresentar em forma de teatro. Não se esqueça de deixá-los à vontade para adaptar a história como acharem mais interessante. Estimule-os a utilizar narrações, diálogos e até mesmo música e adereços de cena. Combine com a turma um tempo para os ensaios e em seguida realize uma pequena mostra de todas as cenas criadas.
4. Na trama, o rei convenientemente se deixava enganar quanto à realidade do reino, fingindo não notar certos problemas. Traçando um paralelo com os dias de hoje, pergunte aos alunos se identificam atitudes semelhantes entre os seus governantes. Quais seriam os problemas atuais para os quais a classe política parece estar fechando os olhos? Seria a corrupção, a crise hídrica? Permita que os alunos se expressem livremente, tomando o cuidado de garantir que opiniões adversas sejam respeitadas.
5. Peça para os alunos criarem um desenho para a capa de um livro que se chamaria *O rei que sabia de tudo*. O desafio é criar uma imagem que ilustre justamente o olhar dos governantes aos problemas do seu país.
6. No livro, a máquina inventada pelos cientistas fazia coisas incríveis que, em tese, garantiam o desenvolvimento do país. Automaticamente, controlava as plantações, o

trânsito, as escolas, os bancos, tudo! Mas como qualquer máquina, ela também dava problemas. A partir deste mote, proponha um exercício criativo à turma. Cada aluno deverá escrever um texto narrativo que aborde a invenção de uma máquina “solucionadora de problemas”. Qual problema ela resolveria? Como funcionaria? E se ela começasse a dar defeito? Quais seriam as consequências? Estimule-os a soltar a imaginação.

## DICAS DE LEITURA

### da mesma autora

*Uma história de rabos presos* – São Paulo: Salamandra.

*O reizinho mandão* – São Paulo: Salamandra.

*Sapo vira rei vira sapo* – São Paulo: Salamandra.

*Este admirável mundo louco* – São Paulo: Salamandra.

*Dois idiotas sentados cada qual no seu barril* – São Paulo: Salamandra.

### do mesmo gênero ou assunto

*A bruxa Zelda e os 80 docinhos*, de Eva Furnari – São Paulo: Moderna.

*Tartufo*, de Eva Furnari – São Paulo: Moderna.

*Os problemas da família Gorgonzola*, de Eva Furnari – São Paulo: Moderna.

*Passarinhos e gaviões*, de Chico Alencar – São Paulo: Moderna.